



Dia da Mulher na ARCPA

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • **5370-347 MIRANDELA**
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • **5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES**
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • **5370 MIRANDELA**
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta
Carmo



STIHL
HONDA



DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Folares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburger



DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30
5140-182 Parambos
Carrazeda de Ansiães
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233
E-mail: dapuri@hotmail.com
<http://docesdapuriieetc.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>

Decar, Moveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas
Parquet flutuante | Soalhos | Forros
Todo o tipo de mobiliário por medida



Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



JMLIMA
soc. mediação de seguros

José Lima
TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

SuperMaisAnsiães

Rua Drº José João de Freitas Nº 50 * 5140-069 - Carrazeda de Ansiães
Tlf/Fax 278 615 000

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornalopombal@gmail.com
jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

Fotografia

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; José Mesquita; Fátima Santos; Adriana
Teixeira; Susana Bento; Matilde Teixeira; Hermínia Almeida;
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões
Assinatura Anual (Sócios)
Portugal: 8,00 Euros;
Europa: 18,00 Euros;
Resto do Mundo: 25,00 Euros
Assinatura Anual (Não Sócios)
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)
Livreria/Papellaria CLIP
(Vila Flor)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL**Fernanda
Natália**

Através das redes sociais, tive acesso talvez ao último testemunho escrito de Steve Jobs, co-fundador, Presidente e Diretor Executivo da Apple. Dessa missiva, transparecia a sua desilusão ao perceber que passara a vida focado em fazer fortuna e que se esquecera de viver, no sentido de sorver a que a vida tem de melhor: os afetos. Dizia, também, que a cama mais cara do Mundo é a cama do hospital uma vez que a sua colossal fortuna não convencia ninguém a substituí-lo no seu sofrimento. Refleti sobre esta questão e lembrei-me que, muitas vezes, há quem não se importasse de sofrer o que outro alguém que amam sofre. É o caso das mães que, na sua incomensurável arte de amar, na sua dedicação maternal, tudo fazem para verem as criaturas que geraram dentro de si de boa saúde. Depois, deixei a minha reflexão ir mais além e lembrei-me das múltiplas situações de idosos que são literalmente votados ao abandono como se fossem um estorvo. E, toda a dedicação que dedicaram aos filhos, surge como uma aposta na Bolsa de Valores em ações cuja cotação só se manteve em alta enquanto precisaram deles. Não posso deixar de fazer uma comparação com os costumes de várias tribos africanas que sendo nómadas, jamais deixam para trás um idoso. E, surge-me a questão: nós é que somos civilizados?

Neste mês de março, marcado pelo período da Quaresma era bom que o jejum fosse de egoísmo, de maldicência, de falsidade, que fosse de abstinência de mal querer ao próximo. É que não é só a busca da riqueza que impede que a vida seja vivida na sua plenitude. Quando se vive centrado na vida dos outros também se deixa de viver a própria vida.

Mas, afinal, não poderia deixar de destacar que houve quem abdicasse da sua própria vida em prole da Humanidade: Jesus Cristo. Saibamos ser-Lhe gratos e dedicarmos um pouco da nossa atenção a atos de misericórdia e a sabermos agradecer e perdoar.

**Especialidades da Casa:***Carnes:**Veado, Javali, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Leão**Peixes:**Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio*

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante
CALÇA CURTA

Telef. 278 685 255

5145-133 TUA

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Tlf.: 278 610 040

Tlm.: 917 838 018

Fax: 278 610 049

vanguardalda@gmail.com

Delegado Centro Sul (Coimbra)

Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães



RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
5140-100 Carrazeda de Ansiães

Internet: www.radioansiaes.pt

E-mail: geral@radioansiaes.pt

Dep. Comercial: 910 043 373

Participar nos programas:

Telefone: 278616295

SMS: 912217320

musica@radioansiaes.pt

Publicidade:

910043373

278616365

Email: geral@radioansiaes.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração
no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães)

IBAN - PT50 0045 2190 40052054541 39

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telem. 912 224 418



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.



ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DE CARRAZEDA DE ANSIÃES

PESSOA COLECTIVA DE UTILIDADE PÚBLICA - NIPC: 501 283 280

CONVOCATÓRIA

ANÍBAL TITO FERNANDES DOS REIS, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães, nos termos da alínea c) do n.º 2.º do artigo 38.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral desta Associação para reunir em Sessão Ordinária, na sua Sede, no dia 31 de março de 2016, pelas 20:30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Um - Discussão e aprovação do Relatório e Contas referentes ao exercício de 2015;

Ponto Dois - Outros assuntos de interesse para a Associação.

Não estando presente, à hora designada, a maioria absoluta dos sócios, a mesma funcionará, em segunda convocatória, na mesma data, trinta minutos depois, com qualquer número de sócios presentes.

Encontram-se na Secretaria desta Associação, a partir de 24 de março, disponíveis para consulta dos interessados, os documentos referidos no Ponto Um.

Carrazeda de Ansiães, 5 de março de 2016

O Presidente da Mesa da



Aníbal Tito Fernandes dos Reis

Rua Luís de Camões - 5140-080 Carrazeda de Ansiães - Telef. 278 616 104 - Fax 278 615 186

O NOVO TALHO NOVO



talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

SERRALHARIA A NOVA
DE: Albino Augusto Carvalho
— FERRO E ALUMÍNIO —

Zona Industrial, Lote 6 * Telef/Fax 278 615 268
Tel: 917 601 847 * 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES



Mulheres pintoras, filhas de pintores.

Elisabeth Vigée Le Brun

Matilde Teixeira

Como prometido vamos hoje descobrir a outra pintora que os acasos do calendário destacaram no ano passado.

Já conhecem Josefa de Óbidos (1630-1684) a maior personalidade artística do nosso século XVII e, de certeza que já se depararam com reproduções de obras de Elisabeth Vigée Le Brun (1755-1842) pois os retratos das celebridades do Séc XVIII europeu que retratou estão publicados em todos os livros de História.

Josefa e Elisabeth, duas personalidades cativantes, duas artistas de exceção. Quase um século as separa. As épocas de uma e de outra são bem diferentes.

Viveram vidas muito distintas: Josefa, instalada na pequena cidade de província de um país periférico, aonde as correntes artísticas inovadoras chegavam com atraso, quase não viaja. Elisabeth, parisiense, cosmopolita, vive ao lado dos grandes pintores franceses da sua época que, por sua vez, tinham viajado, visitado museus e coleções privadas, tinham feito o Grand Tour*, tem vários mestres e pode estudar a grande pintura exposta na capital francesa. Obrigada e exilar-se passa a vida a viajar, trabalha em várias capitais europeias retratando a nobreza e as figuras relevantes da época.

Para a biografia de uma escasseiam os documentos. A outra, mais próxima no tempo, encarregou-se de pintar a própria imagem na tela e também por escrito.

Embora as duas tenham cultivado vários géneros de pintura, uma torna-se célebre sobretudo pelas suas naturezas-mortas, imagens de humildes objetos e vegetais, a outra deixou-nos uma impressionante galeria de personagens históricas importantes.

Mas as duas são filhas de bons pintores que lhes descobriram e incentivaram o talento precoce,

as apadrinharam na profissão em que se destacaram como mulheres talentosas e determinadas.

Em ambas, a mesma paixão pela arte, a mesma entrega ao trabalho, a mesma determinação, a mesma elegância, a mesma capacidade de observação rigorosa, a mesma vontade de criar beleza com o pincel ágil e atento e uma paleta rica e luminosa.

O sucesso e a fama que a posteridade lhes reservou, eclipsaram a dos próprios pais, bons pintores que lhes ensinaram a arte do lápis e do pincel, mas agora caídos no esquecimento. Porque foram mais ousadas e inovadoras do que eles, brilharam e marcaram a sua época.

Elisabeth nasceu em 1755, em Paris no bairro do Palais Royal (o Palácio Real) bem no centro da cidade, na margem direita do Sena. O pai, Louis Vigée, retratista de talento, vive desafogada dos retratos a pastel* para uma clientela de nobres e burgueses endinheirados. A menina é, segundo o costume da época, entregue a uma ama no campo e depois educada num convento. Sempre que vem para casa pega nos lápis e desenha, escondida entre os alunos do pai, escutando em silêncio as suas palavras sem que lhe prestem atenção. Até que um dia Louis Vigée descobre os desenhos da filha e, surpreendido pelo seu talento precoce, decide dar-lhe lições que a menina segue com entusiasmo e muita aplicação. Pai e filha têm o mesmo temperamento jovial, afável e sereno e sentem-se próximos no comum amor da arte.

A casa dos Vigée é frequentada por outros pintores e artistas que são recebidos calorosamente pelos donos da casa em serões animados em que se discute arte, literatura e se faz música e teatro. Elisabeth não perde pitada das reflexões dos adultos e vai assim, pouco a pouco, perfazendo a

sua educação artística, ouvindo, observando, sonhando também com viagens e descobertas.

Mas a vida feliz e despreocupada é inesperadamente interrompida com a morte do pai quando completa os 13 anos.

São os amigos da família, pintores oficiais alguns, instalados nos “ateliers” do Louvre, ali ao lado de casa, que a vão incentivar a continuar a sua formação e lhe recomendam a pintura de retratos, uma atividade lucrativa. Elisabeth lança-se ao trabalho para ajudar a família.

O retrato da mãe e do irmão realizado aos 14 anos são muito admirados e trazem-lhe uma clientela disposta a pagar bem um retrato de qualidade e diferente da moda em vigor.

É que Elisabeth cedo descobre como valorizar cada rosto, como captar a melhor expressão e como deixar transparecer a personalidade do retratado. Os seus retratos agradam porque, para além de uma técnica perfeita, ela sabe observar o modelo, captar a sua atenção, sugerir um vestido gracioso, um penteado singelo ou o chapéu que vai criar subtis efeitos de sombras, uma pose dinâmica e natural, diferente da rigidez da grande maioria dos retratos em voga. Elisabeth pinta como ninguém e todos querem um retrato assinado por si, o que faz subir o preço do seu trabalho. As encomendas não cessam de afluir.

Os seus retratos influenciam a moda feminina. Adepta da simplicidade e da naturalidade, aparece vestida com roupa simples nos seus autorretratos que todas as damas querem imitar. Não hesita em escolher um modesto chapéu de palha e em vez das pesadas cabeleiras, a enrolar os cabelos naturais num gracioso toucado, quase um turbante, atado por uma faixa de algodão. Com a sua delicada sensibilidade sabe adaptar-se ao modelo e valorizar

cada figura.

A partir do momento em que a duquesa de Chartres, dama influente, lhe pede um retrato e depois a recomenda à Rainha Maria Antonieta, esposa de Luís XVI, que desejava enviar a sua mãe a imperatriz da Áustria, um retrato que a representasse convenientemente, desafio que Elisabeth ganhou com êxito conquistando ao mesmo tempo a amizade da soberana, a sua carreira está assegurada. A clientela é de qualidade, exigente, mas paga bem. É a consagração do seu talento muito jovem ainda.

Mas o sucesso e a proximidade da corte e da família real, que cada vez é mais criticada, não a poupam a intrigas, invejas e dificuldades várias que a artista enfrenta com coragem e filosofia.

Um belo retrato da rainha, vestida com um singelo vestido de algodão, causou grande escândalo no “Salon”, a exposição anual dos pintores oficiais. Elisabeth realiza outra versão semelhante mas com um vestido mais adequado à dignidade da soberana.

Aproximam-se os momentos conturbados da revolução e Elisabeth, como retratista oficial da detestada rainha Maria Antonieta, sente-se em perigo e vê-se obrigada a abandonar a França, disfarçada, com a filha pequena, a sua adorada Julie, e a governanta desta, rumo à Itália, cujas obras de arte sempre desejara conhecer.

Um dos quadros mais admirados e divulgados, exposto no Louvre, é precisamente um autorretrato abraçada à filha que se tornou um ícone do amor materno. A artista foi pioneira na atenção que dedicou ao mundo da infância.

Os seus famosos retratos já eram conhecidos em toda a Europa através da técnica da gravura, em plena expansão.

Em Roma, e depois em Nápoles, é bem recebida por artistas



que a conheciam e continua a pintar para deleite de uma nova clientela internacional e também para nobres “emigrados” que, como ela, tinham sido obrigados ao exílio.

Em Paris a revolução avança. Todos os que fugiram ficam a fazer parte de uma lista de traidores que não podem voltar ao país. O marido pede o divórcio para garantir a sua própria segurança em tempos tão delicados.

Elisabeth sofre com o afastamento da família e do seu país, com o desmoronar de um mundo e de um estilo de vida que apreciou, mas não cruza os braços, nem receia procurar melhorar a sua situação viajando por estradas desconfortáveis e perigosas. Precedida pela sua fama, vai para Viena e depois para a Rússia e continua a trabalhar, a inventar novas fórmulas de retratos, novas poses, sempre encontrando apoios, apreciada pela sua arte, pelo seu trato amável, pela sua educação e inteligência, bem acolhida nos melhores salões e na

corte.

Em S Petersburgo, em Moscovo, pinta muito durante anos até que a falta de saúde, as saudades, a clientela que é conveniente renovar, a decidem a voltar a França pois, entretanto, o seu nome fora retirado da lista dos excluídos.

Depois de 12 anos de exílio regressa à Pátria que encontra muito mudada, mas onde o marido a acolhe apesar do divórcio pronunciado. Em breve reconstitui o seu círculo de amigos e de clientes. Continua a pintar os poderosos, embora fiel ao antigo regime, não aprecie a nova aristocracia napoleónica que se instala no poder. Vai tentar a sorte em Londres onde, mesmo se a concorrência é rude, passa longas temporadas a retratar a nobreza europeia.

Regressa definitivamente a Paris em 1805. A sua personalidade atrai artistas, escritores, forasteiros de passagem e a sua casa é um centro de convívio intelectual e artístico bem frequentado e muito apreciado. Continua a pintar

retratos mas também expressa a sua sensibilidade em paisagens a pastel mostrando um gosto pela Natureza que anuncia a corrente romântica.

Quando, enfim, abranda o ritmo de trabalho e de viagens de recreio, dedica-se à redação de um longo livro de “Souvenirs” (recordações), entre memórias e autobiografia, em que fala da sua experiência e do seu tempo de tantas e tão radicais mudanças que determinaram a História da França e da Europa. Vive os últimos anos entre Paris e a casa de campo, rodeado da família e dos amigos, tranquila e feliz.

A exposição do Grand Palais no verão-outono 2015, a primeira grande retrospectiva que o seu país lhe consagra, revelou ao grande público a arte subtil e delicada de Vigée Le Brun, com uma galeria de retratos que vieram de grandes museus e de coleções privadas. A qualidade técnica da sua pintura é notável, as telas parecem saídas do atelier, tal é a frescura e a vivacidade dos

coloridos.

A exposição surpreendeu e teve muito êxito.

O estilo de Elisabeth é único, as suas obras reconhecíveis entre todas.

De facto, quase três séculos depois, a sua pintura continua a seduzir-nos pela variedade e riqueza da paleta, pela arte exímia de traduzir as cintilações do cetim, as dobras macias dos veludos, a vibração dos folhos, a leveza de um véu transparente, a graça de um franzido e, sobretudo, pela luz dourada que ilumina os rostos que nos contemplam.

Mas é o olhar direto, sereno, nimbado de ingénuo encantamento, com uma réstia de timidez e modéstia de quem atravessou a vida buscando a arte e a concórdia, que nos fixa nos seus vários autorretratos, que guardaremos na retina.

Olhar benevolente a amigo com que observou os seus modelos e que lhe animou o pincel.



Notícias da Capital

Luz boa, três do meu mês

Susana Bento



Março, mês dos peixinhos como eu, dentro e fora de água.

Março, este ano também do Cordeiro de Deus e dos ovinhos da Páscoa.

Março, mês três de doze que é três no fim também, porque um mais dois, três; número perfeito no calendário de 2016. Será que assim é para todos?

Por aqui, por Lisboa, o mês está a passar depressa, num ápice de três piruetas. A Páscoa veio a tempo de verão já, com menos uma hora na conta, mas mais uma hora de sol!

Lisboa esteve cheia de turis-

tas, para variar. Nesta época, porém, transitam para o “Atlântico” muitos espanhóis. De repente, estava eu a lembrar-me de desejar boa Páscoa ao casal que conheci em Novembro em Madrid e qual não é o meu espanto quando respondem “estamos em Lisboa”! Espanhóis sim, mas há tantos, nunca imaginaria este casal agora passeando aqui também. Eu lá entendi e senti que andavam perto! Intuição do mês três, perfeita ou quase perfeita, será?

Da capital não posso contar muitas mais notícias de mo-

mento, só que ora chove ora faz sol, ora faz frio, ora faz um sol de matar de novo. Os dias têm oscilado no seu humor atmosférico e nós, as pessoas, certamente também... ora solarengos ora chuvosos, os lisboetas e os turistas vão-se misturando, tal como cores no céu ao final dos dias: violeta, rosa, vermelho, azul, amarelo, laranja... Lisboa cheira bem, cheira a Lisboa, mas quem vem do campo para trabalhar por cá vê no caminho essas cores reflectidas na terra: malmequeres, margaridas, papoilas, ervas-da-inveja, espo-

rões, chicória, dentes-de-leão, campainhas... tons e sabores confundem-se e, de repente, abrem-se os olhos: não é sonho! A capital despertada pela Primavera fica com outra luz e sabor, fica uma espécie de pastel de nata derretendo devagar na boca. Ainda está frio, mas não há-de ser por muito mais tempo. Aqui, o tempo passa depressa e é sempre mais quente. Premonição do Junho das sardinhas e grelhas preparadas nas ruas. Lisboa em Março? É luz boa, três do meu mês!



Município de Carrazeda de Ansiães comemora Centenário da Grande Guerra

Patricia Pinto



Páscoa Feliz

José Mesquita



O Município de Carrazeda de Ansiães comemorou no passado dia 4 de março, o Centenário da Primeira Grande Guerra Mundial.

A I Guerra Mundial constitui uma marca patente na história e nas gentes do nosso país e das gentes de todo o Mundo, tendo a mesma deixado consequências impossíveis de extinguir e que delimitaram o futuro da história de Portugal.

A celebração foi aberta pelo Presidente da Câmara Municipal de Carrazeda, José Luís Correia que agradeceu a presença do Professor Adriano Vasco Rodrigues e da Professora Adília Fernandes. No seu discurso, o autarca alertou os jovens presentes para que no seu futuro evitassem sempre a guerra na resolução dos seus conflitos.

O Professor Adriano Vasco Rodrigues recordou alguns dos aspetos que marcaram o período de 1914-1918 nomeadamente a origem desta Guerra e os mais de 100 00 soldados portugueses que combateram neste conflito.

Por sua vez, a Professora Adília incidiu a sua dissertação na exposição do papel determinante da Mulher na Grande Guerra, realçando o contributo das enfermeiras e o empenho das mulheres no estabelecimento da paz.

Este evento teve como objetivo incentivar a participação dos alunos no estudo do conflito de 1914-1918, motivando-os a refletir sobre as suas atitudes e as suas ações para que tenham sempre presente a história de um passado que não se pretende que se repita num futuro.



Se o Natal era a festa da família, a Páscoa era a festa da aldeia. A sua preparação começava com a elaboração dos folares e dos económicos e a cozedura nos fornos comunitários. Havia os folares doces e os de carne. Os doces comiam-se ao pequeno-almoço com o café, ou com um bom cálice de vinho tratado, que “ajuda a cortar a doçura”, diziam. Os de carne feitos com as chichas do porco incluíam a chouriça, o salpicão, o presunto e o toucinho, chamávamos-lhe carne gorda, que emprestava à massa um sabor divino. Os económicos, na forma de montinhos polvilhados de açúcar, duravam longos dias e eram sempre um dos melhores mimos que se metia no saco da escola para o lanche do dia.

A missa pascal era obrigató-

ria, antecedida dos três dias de penitências, jejuns, vias-sacras e do silêncio dos sinos que anunciavam, tristemente, ao meio-dia de quinta-feira a paragem no trabalho e, só despertavam na tarde de sábado e mais tarde na aurora de domingo, em tom festivo. À Eucaristia seguia-se o almoço melhorado que quase sempre incluía o borrego ou a ovelha, assados ou guisados, e o delicioso arroz doce, à sobremesa. À tarde, o compasso visitava todas as habitações para o beijar da cruz, acompanhado da algazarra da criançada, que pululava de casa em casa em busca dos “doces”, e do murmúrio de muitos que se visitavam em busca dos mimos e dos afetos para a boca e para a alma.

“SELORES... e uma casa”



Noite de Fados

ARCPA

Catarina Lima

Realizou-se na passada noite de 27 de Fevereiro, a primeira (de muitas, esperamos!) Noite de Fados da ARCPA. Sabendo do gosto que muitos pombalenses têm pelo Fado, decidimos introduzir esta noite no Plano de Atividades para 2016, o que pensamos ter sido uma aposta certa!

Apesar do frio que se fazia sentir, algumas pessoas deslocaram-se ao salão da ARCPA pelas 21 horas para ouvir o grupo Fado1111, um projeto musical com origem no Centro Histórico de Guimarães e que se propõe representar os dois géneros do Fado, Coimbra e Lisboa, expondo de forma autêntica e genuína as suas divergências de estilo, mas também os seus claros pontos de contacto. Presentearam-nos com 2 horas de belas canções muito bem interpretadas tanto na voz como nas guitarras, deixando todos os presentes a trautear aquelas que conheciam.

E como uma noite de Fados merece sempre algo a acompanhar, foram servidos alguns petiscos (alheira, chouriço, queijo e presunto, vinho e caldo verde) que encheram a alma de quem presenciou esta atividade! Muitos foram os elogios, e ainda houve tempo de partir uns copos, em sinal de alegria

Queremos agradecer ao grupo Fado1111, à Sra. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, a Eng. Adalgisa Barata, pela sua presença, ao Inatel pelo apoio e a todos os que, pela sua participação, tornaram possível esta atividade! Esperamos numa próxima edição conseguir chegar a mais população, para que possam apreciar tanto como nós o trabalho que fazemos dia-a-dia nesta nossa Associação!

Ficam algumas fotos que ilustram bem o espírito que se viveu naquela noite:







Dia da mulher na ARCPA

Maria Fátima Cardoso "Faty"



Este ano, a ARCPA, comemorou o Dia da Mulher, no dia 13 de março, de forma diferente e original, proporcionando-nos um "Encontro (no presente), com o passado". Um autêntico Roteiro Cultural.

O percurso teve início no Pombal, tendo a lotação sido esgotada em Carraceda num total de, aproximadamente quarenta e cinco mulheres de todas as gerações.

Para enriquecer este passeio contamos com a presença da Dr^a Alexandra, Arqueóloga da Autarquia de Carraceda de Ansiães, que ao longo do dia, nos esclareceu sobre factos importantes do nosso passado histórico, social e cultural.

Principiamos com a visita ao Castelo de Ansiães. Para além do interesse pela lição de História prestada, apreciámos o esforço pela preservação deste património,

e do ponto mais alto, a grandiosidade que todo o espaço envolvente nos oferece.

De seguida (re) visitámos a igreja da Lavandeira, e o Núcleo Museológico do Azeite, um polo ligado ao Museu de Memória Rural, ali implantado pela Autarquia, mais recentemente. Memórias passadas mas ainda bem presentes...

Aguardava-nos o repasto na Sr^a da Ribeira (tudo combinado...)

mas para lá chegar viajámos pela ingreme e sinuosa estrada da Beira Grande que serpenteia a bela paisagem alto duriense e que nunca é demais admirar. Obrigatória foi a paragem no miradouro para os registos fotográficos do presente, para o futuro...

Mas como não só de cultura e "belas vistas" vive o Homem, sim porque os senhores motoristas também contam, abancámos no restaurante da Sr^a da Ribeira.



A fome já apertava e para começar, nada melhor do que uns peixinhos, frutos mesmo dali, do Douro, rio tão próximo, acompanhados pelo não menos frutuoso vinho desta região...

Pausa para disfrutar também um café e a paisagem...

Partindo dali, junto ao rio e montanha acima, rumámos a Vilarinho da Castanheira. Ali visitámos o Museu de Memória Rural, onde se cruzam o melhor

do passado: tradições e saberes ligados à cultura rural e imaterial da região, e do presente: recursos tecnológicos que facilitam aos visitantes o enquadramento da nossa história, que é preciso não esquecer, mas que sobretudo é importante divulgar aos mais novos. Não esquecemos, ali ao lado, os Moinhos de Rodízio do Ribeiro do Coito e a Pala da Moura.

Aqui, nova pausa para “convívio de farnel”, para confortar o

estômago ainda pouco à espera...

O sol já ia desaparecendo no horizonte e o roteiro não estava completo. Era preciso terminar no Moinho de Vento de Carrazeda de Ansiães, como prometido. E assim foi!

Regresso a casa para contar como tudo se passou neste dia de sol radioso e a cheirar a primavera.

Retribuímos a salva de palmas à ARCPA pela dinamização do

evento que não sendo inédito para alguns, valeu pelo convívio, pelos laços de amizade, pela aprendizagem e pelo reavivar de coisas da nossa memória e da nossa identidade.

Agradecemos à Câmara Municipal a cedência do transporte, à Dr^a Alexandra e aos senhores motoristas a paciência de nos acompanhar e guiar ao longo do dia.



Património e Cidadania

Gestão do silêncio

Fernando Figueiredo

Duas coisas indicam fraqueza: “calar-se quando é preciso falar e falar quando é preciso calar-se”.
(Provérbio persa)



Diríamos que esta máxima aponta para um justo equilíbrio no uso do silêncio que, muitas vezes mais do que as palavras, é precioso.

Todos nós sabemos, por experiência própria, quanto é desagradável e até arriscado, ter que falar e sobretudo testemunhar por factos observados, quando era bem mais cómodo calar e fazer de conta que não vimos ou ouvimos nada do que possa ser crítico atestar.

Frequentemente ouvimos dizer que as pessoas não falam (não testemunham, não denunciam), mesmo coisas graves, com medo de represálias. Isto é o que os prevaricadores querem, tentando intimidar para obter os seus intentos. Muitas vezes conseguimos. Diria mais: conseguimos-no cada vez mais, quer pelos meios que usam quer pela anuência ou

desistência dos temerosos.

Isso só é possível por fraqueza de quem não diz o que deve ser dito, protegendo muitas vezes quem não merece, livrando-o de uma condenação, seja de que tipo for, que devia ser aplicada. Em contrapartida, com tal atitude, há inocentes que não vêem fazer-se justiça. Na maior parte das situações, em vez de fraqueza, podemos aplicar o termo cobardia a tais procedimentos.

Não sendo eu saudosista, tenho que reconhecer que, em épocas passadas, em geral, as pessoas não só tendiam a não faltar à palavra dada, como eram praticamente incapazes de deixar de testemunhar o que à sua vista se passava, independentemente das circunstâncias e das consequências para si próprias. Foi essa a educação que a minha geração recebeu, muito embora a prática

observada nem sempre correspondesse. Na verdade, em todas as épocas, houve compra de silêncios e prevaricação. Mas, refira-se que eram procedimentos censuráveis e que denegriam os cidadãos que se revelavam mais fracos.

O que presentemente constatamos é que é mais difícil, em nome de outros interesses ou cumplicidades, obter testemunhos válidos de alguém. Entretanto, verificou-se uma quebra dos princípios, uma sofisticação nos procedimentos e uma cobardia funcional à volta do que alguns chamam, de forma simplificada, o “politicamente correcto”.

Ou seja: Para que a verdade venha ao de cima, é preciso que alguém que se cala não o faça, quando é preciso falar!

O inverso é talvez mais abrangente e verifica-se, por isso, em

situações mais diversas.

Com efeito, quantos de nós sabem gerir bem os silêncios? Quantos de nós têm uma formação voltada ou validada para saber ouvir?

O nosso ditado popular: “Quem muito fala pouco acerta”, bem nos previne. Mas raramente lhe prestamos atenção. O mesmo acontece com a desvalorização do outro: “Saber calar é uma virtude”.

Ontem como hoje, há ainda quem deva estar calado em muitas circunstâncias, tendo-o até prometido ou sendo-lhe de algum modo exigido, nomeadamente em termos profissionais ou outros, e não resista a “dar com a língua nos dentes”, com prejuízo próprio ou alheio, comprometendo por vezes algo importante. É, claramente, falta de sabedoria! Devia calar-se. As pessoas, basi-



camente, devem calar-se quando não sabem do assunto ou não têm a certeza do que dizem, denunciam ou criticam.

O silêncio possui imensas virtualidades. Paradoxalmente, tem até um som próprio, como alguns músicos têm salientado. (Lembre-se a famosa canção: *The Sound of Silence* – O Som do Silêncio -, do americano Paul Simon”).

Aprende-se imenso a observar algo e a ouvir os outros, em silêncio. Enquanto falamos, estamos menos disponíveis e tendemos a concentrar em nós as atenções e os interesses. Nem sempre isso é o mais aconselhável e propositado. Mais: por vezes, não ouvimos o que os outros têm a dizer e é mais ajuizado do que aquilo que lhes apresentamos.

Habituei-me ao silêncio sobretudo quando frequentei o seminário. Adquiri também a capacidade de me concentrar, o que me tem sido útil muitas vezes. Exceptuados os excessos desse tipo de formação, que se tornavam atrofiantes, o hábito do silêncio e a sua contribuição para me conseguir concentrar, foram talvez as melhores coisas

que trouxe dessa experiência da minha adolescência e juventude. Como limitação, reconheço a necessidade de silêncio para trabalhos que exigem precisamente concentração. Há quem consiga trabalhar bem noutras condições!

Nunca me dei bem na balbúrdia e irrita-me que as pessoas não sejam capazes ou não queiram ouvir os outros, sobretudo se têm responsabilidades e estão em público, como acontece por vezes na televisão e em outros meios de comunicação. Muitas vezes, é mesmo uma estratégia para que o outro não se faça ouvir ou não expresse claramente a sua opinião. Comigo, essa estratégia não pega!

Tenho também pouca paciência para conversa fiada e repetitiva, como as dos bêbados, por exemplo. Raramente permaneço muito tempo onde constato que não aprendo nada de novo ou não me divirto de facto. Todavia, se alguém quer aprender algo comigo, tenho a maior paciência do mundo para explicar e repetir, quantas vezes for preciso.

Em trabalho, se alguém disser o que acho que deve ser dito, sou

capaz de entrar mudo e sair calado de uma reunião ou encontro. Mas, se achar necessário, falo e digo tudo o que me parece importante e não deve ser deixado de referir, até para discordar, se necessário.

Em convívio, gosto muito de ouvir o que os outros têm para contar, mas não costumo deixar de fazer a minha parte, com a intenção de partilhar o que me parece ter interesse e ajuda à festa.

Também aqui o justo equilíbrio parece estar em não “falar quando é preciso calar-se”. Mas só quando é preciso...

Quando me apercebi, confirmei que já há anos, no nosso jornal, havia abordado este assunto, em verso, com uma perspectiva não muito diferente, num artigo intitulado: *O COMPROMETIMENTO DO SILÊNCIO* (Junho/2004) (ver poema).

Vale a pena, às vezes, conferir o que vamos dizendo e fazendo, para testar a nossa coerência, mas também aferir da evolução do nosso pensamento. Foi essa a intenção desta repetição parcial.

Calar, sempre é mais cómodo, Diz-se: “Quem cala consente”; Mas, calar serve também De esquivar a quem mente.

Sabe-se que é por feito Que alguns assim procedem; Noutros é por cobardia, Que calam para ficar bem.

Por mim, costumo calar-me, Se falar não é preciso; Mas, mentir por não falar, Não o faço, não consigo.

Para tal, se necessário, Falo muito e mostro ira! Que nunca o nosso silêncio, Funda “verdade” e “mentira”.

Não tomámos chá, em pequenos, Dirão os “civilizados”; Aponte-se uma vantagem: Não nos tornámos chalados.

Em vez de tal companhia, Prefiro a de outra gente; A que diz sempre o que pensa E ataca frontalmente.

Agir assim, meus amigos, Tem um elevado preço; Mas vale a pena pagá-lo, E deve merecer apreço.



A lei quando nasce não é para todos

Manuel Barreiras Pinto



A lei determina que as Empresas e Instituições portuguesas, apresentem até 31 de Março de cada ano, o relatório de gestão e contas do exercício do ano anterior e respectivo parecer do Conselho Fiscal. Assim fizeram a Cooperativa Rádio Ansiães, C.R.L. a Caixa Agrícola, a Santa Casa da Misericórdia de Carrazeda, os Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães, e outras instituições e empresas. Mas, há sempre quem não arrisque e no pensar dos dirigentes, petisque. Lá diz o ditado “Quem não arrisca... não petisca”.

Será?

Qual a razão porque a Co-

operativa Agrícola de Carrazeda de Ansiães, não procedeu deste modo?! Não tem contas a apresentar, porque terminou?! Faliu? Responda quem sabe aos cerca de 50 sócios com quotas em dia, que esperam uma satisfação. Sim, eles não sabem e querem saber. O Quê?! Mas isto é pergunta que se faça...

A Cooperativa, se bem se lembram, tem um património razoável, um belo edifício e um lagar de azeite, uns enormes armazéns da batata, que o Governo cedeu, doou e ainda umas bombas de gasolina e gasóleo.

Já não tem nada disto?! E quem to disse?

Os sócios pobres ignorantes, não sabem de nada e a Direção nada tem a dizer, porque nada há para esclarecer e falar, só por falar.

Dizem que a Cooperativa tinha enormes dívidas? A quem? Onde estão os credores, mostrem papéis. Já há quem diga que o edifício principal, está vendido à Câmara Municipal, será verdade? Por quanto? Quem pagou? Quem recebeu? onde está o dinheiro?! ...

Quero saber muito e estou a meter a foice em seara alheia!!!... Quem eu? Então os sócios só servem para pagar as quotas, só têm deveres e os direitos?!

Porra... Estamos no mês de Março e lá diz o ditado “Páscoa em Março, muita fome ou muito mortacho”, nem uma coisa nem outra são boas. Espero amigos leitores que a Direção da Cooperativa tenha vagar para convocar uma reunião para esclarecimento dos sócios do que se passou ou está a passar e se faliu, se morreu, vamos todos ao enterro, as coisas não duram sempre e falência de Cooperativas há muitas, de Alijó a Vila Nova de Foz Côa.

Aleluia, leitores, Cristo ressuscitou!

Páscoa feliz e sorriam a vida é bela, façam por serem felizes.

Carrazeda de Ansiães duplica número de turistas que visitam o concelho

O Município de Carrazeda de Ansiães anuncia que o número de turistas que registaram a sua visita ao concelho, durante 2015, é o dobro de 2014.

O presidente da Câmara, José Luís Correia, acredita que os visitantes não de ser muitos mais, mas para a estatística só contam os que fizeram o seu registo, durante a passagem por algumas das estruturas turísticas do concelho.

O autarca nota que para o aumento do número de turistas contribuiu a criação de atrativos e divulgação das principais potencialidades do concelho.

Para o próximo ano, José Luís Correia anuncia já mais apostas que acredita que poderão contribuir para chamar ainda mais turistas.

Para além disso, vão ser beneficiadas algumas estradas que poderão facilitar o acesso de pessoas a alguns pontos de interesse turístico.

São apostas para 2016 em Carrazeda de Ansiães, concelho que em 2015 duplicou o número de turistas, relativamente a 2014.

Peça: CIR (Ansiães)

Foto: Eduardo Pinto



Câmara de Carrazeda de Ansiães aposta em sessões semanais de cinema



Na sexta-feira, 5 de fevereiro, a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães iniciou a exibição semanal de cinema, no auditório do CITICA.

As sessões são todas à sexta-feira, às 21 horas e têm um custo de 2 euros por pessoa maior de 12 anos. Abaixo dessa idade não paga.

Em cartaz estão sucessos de bilheteira como o filme: A Guerra das Estrelas – O despertar da força.

Seguem-se este mês: “A queda de Wall Street”, “O Renascido” e “Hotel Transilvânia 2”.

Para março estão agendados os filmes: “Point Break – Caçadores de Emoções”, “Um avô muito à frente”, “A rapariga dinamarquesa” e “Norm – Um herói do ártico”.

Peça: CIR (Ansiães)

Foto: Direitos Reservados

Pai da Fartura foi julgado e reventado no Entrudo de Carrazeda de Ansiães



Em Carrazeda de Ansiães, depois do desfile de carnaval da tarde, a noite voltou a ficar marcada pelo reventamento do pai da fartura, iniciativa da Associação de Zíngaros e da Câmara Municipal.

Hernâni Sousa, o juiz dos Zíngaros, desfilou cerca de 12 minutos de quadras satíricas na sentença que leu ao pai da fartura. Ouça aqui na íntegra:

Depois de lida a sentença, o pai da fartura desfilou pelas ruas da vila e a seguir foi a reventar.

Peça: CIR (Ansiães)

Fotos: Eduardo Pinto

Túnel do Marão vai ter segurança máxima

Autoestrada que liga Amarante a Vila Real vai estar concluída até ao final de março, mas só abre quando todos os sistemas de emergência estiverem operacionais e testados.

Apesar da grande expectativa em torno da inauguração, a Infraestruturas de Portugal garante que não vai abrir sem que todos os parafusos estejam apertados.

Quer dizer que toda a segurança estará testada, nomeadamente através de exercícios e simulacros integrando a Proteção Civil, para saber se tudo funciona em caso de incidente.

Tragédias do passado obrigam a este cuidado: Em 1999, um camião incendiou-se no interior no Túnel Monte Branco, que ao longo de quase 12 quilómetros liga França a Itália. O fumo e o aumento da temperatura até mil graus mataram 39 pessoas.

O túnel franco-italiano tem apenas uma galeria com dois sentidos de trânsito, enquanto o

português tem duas, o que, segundo os responsáveis pelo túnel, favorece muito a segurança.

Em caso de acidente, a segunda galeria serve de corredor de emergência. O Túnel do Marão é uma enorme reta com quase 6 quilómetros de extensão, inclinação constante de 2,5% e 160 metros de desnível entre extremidades.

Vai desencravar o interior norte do país reduzindo em 20 minutos a duração da viagem até ao Porto. Prevê-se uma redução da sinistralidade registada no IP4.

Peça: CIR (Ansiães)

Foto: Eduardo Pinto





As Quintas do Douro

José Mesquita



A maior parte das quintas do Douro estabelece-se na segunda metade do século XVIII. No século seguinte, já os vinhos das quintas se vendiam em Inglaterra. As marcas com os nomes das quintas vão-se impondo principalmente na segunda metade de novecentos.

Com a filoxera obriga à venda a preços de saldo dos terrenos do Douro e é por essa razão que os comerciantes de Vila Nova de Gaia entraram em força no Douro.¹ “O modelo das quintas mantém-se grosso modo intacto desde o século XVIII. Os edifícios principais são feitos contra um soccalco. Integram uma casa principal – a casa do patrão. Atrás desta fica a adega, tradicionalmente servida de lagares de granito. Por baixo da casa situam-se os armazéns, que aproveitam as leis da gravidade para o transporte do vinho”. (Cf. Bessa, Luísa e Carvalho, Manuel, “O Douro das Quintas” in Público Magazine”, n.º 188 de 10 de Outubro de 1993, p. 29) Normalmente, a quinta inclui também a casa para os caseiros

e para os trabalhadores sazonais que são autênticos depósitos para “animais” como Torga retrata no romance “As Vindimas”. Há modestas casas até à versão de solar, onde a influência inglesa é marcante. D. Antónia Ferreira, “a Ferreirinha” deixa à data da sua morte, em 1896, 24 quintas aos seus herdeiros. No mapa do barão de Forrester em 1852 são referidas no Douro 79 quintas. De acordo com A. L. Pinto da Costa, Carrazeda de Ansiães possuía 27 quintas em 1943 para um total no Douro de 827.

Como conto em “Selores... e uma casa, «Depois da escola primária obrigatória começa a idade para trabalhar e ganhar o sustento para si e a família. Os poucos que escapavam iam para o ciclo preparatório da vila ou do seminário; os outros iam para o “ciclo” das quintas. Começava-se como “moço” e o trabalho consistia em servir á frente dos bois e fazer os recados. Ir buscar a água, o vinho, a comida, o que lembrasse ao caseiro ou ao feitor.

A procura do trabalho nas

quintas do Douro era muito inferior à oferta. Com o coração cheio de esperança, lá se ia a caminho das quintas dos “Canais”, da “Espanhola”, da “Senhora da Ribeira”, do “Ministro”, do “Eng.º Faria”, do “Chaves”, do “Comparado”, dos “Carris”, do “Gouveia”, do “Carvalho”, do “Zimbro”... Traçada no ombro, transportava-se a enxada que deveria ter um tamanho razoável, pois, de contrário faria torcer a “beíça” do feitor (sempre “implacável e cruel”); a tiracolo o saco de linho ou de serapilheira com o pão de centeio duro e amargo; nos lábios e no olhar a súplica do “Arranje-me lá trabalho pela alminha de quem já lá tem”. Caído no goto do “carancudo” feitor lá vendia o suor e a alma por 25 tostões.

Eram “felizes” os admitidos. A jorna era de sol a sol quer chovesse, quer nevasse ou o sol desancasse. O trabalho de empreitada não admitia demoras, nem atrasos. O que se ficava para trás na função da poda, da cava ou descava, da redra... pagava com a vergonha do desconto no salário,

a possibilidade de ser posto “em marcha” ou, principalmente, o constrangimento perante os seus pares. Irmanados na “miséria”, eram cruéis neste tipo de desgraça do próximo.

Para acompanhar o pão rijo levado de casa era servido o “caldo” de feijão ou feijoca, aguado, desenhado e temperado, não poucas vezes, com as larvas do dito e o unto rançoso. À noite, doridos do trabalho e depois da mistela sorvida com grandes tragos, deitavam-se como o “gado” e a monte no “cardanho”, onde perceijos e piolhos se refastelavam com o “sangue quente da manada”. Anestesiados com o cheiro nauseabundo e extenuados pela dureza da “jorna”, depressa dormiam. Recebido o “pré”, o seu fado era igual aos que foram “rejeitados”. Continuavam igual - os mesmos desgraçados.»

1- Cf. Bessa, Luísa e Carvalho, Manuel, “O Douro das Quintas” in Público Magazine”, n.º 188 de 10 de Outubro de 1993, p. 29.

22ª Prova de Vinhos

Pombal de Ansiães 24 de abril ARCPA

Exposição e venda de produtos regionais

10h - Abertura da exposição

15h - Prova de vinhos

Sócios: 1 copo

Não Sócios: 2,5 copos

